

ANAIS DO I COLÓQUIO DO LAHES

Juiz de Fora, 13 a 16 de junho de 2005

**Uma metodologia para o estudo de famílias de cafeicultores do
Vale do Paraíba no século XIX**Célia Maria Loureiro Muniz
Doutora - UFRJ**1. Fontes e Metodologia da Pesquisa**

A pesquisa, a que esse texto se refere, foi feita para a elaboração da tese de doutorado defendida no IFCS da UFRJ, em 27 de janeiro de 2005. A tese chama-se “A Riqueza Fugaz: Trajetórias e estratégias de famílias de proprietários de terras de Vassouras: 1820 -1890”.

Estudei nove famílias dos proprietários rurais de Vassouras com o objetivo de recuperar as estratégias de vida e através de suas escolhas, perceber o espaço que possuíam para realizá-las numa situação de crise, onde a historiografia tradicional diz que os produtores menores não sobreviveram aos problemas surgidos nos meados do século e que venderam suas terras para os grandes proprietários. Dessas famílias estudadas, quatro eram de grandes proprietários e cinco eram pequenos e médios. Todos eles tiveram de lutar conta crises e para isso lançaram mão de estratégias.

Segundo Levi:

“...Toda ação social é vista como resultado de uma constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo diante de uma realidade normativa que, embora difusa, não obstante oferece muitas possibilidades de interpretações e liberdades pessoais. A questão é, portanto, como definir as margens, por mais estreitas que possam ser, da liberdade garantida a um indivíduo pelas brechas e contradições dos sistemas normativos que governam. Em outras palavras, uma investigação da extensão e da natureza da vontade livre dentro da estrutura geral da sociedade humana.”¹

Procuramos ver essas trajetórias de famílias como fazendo parte de uma época pré-industrial como definiu Karl Polanyi. De acordo com o autor, a economia pré-industrial

¹ LEVI, Giovanni. “Sobre a Micro-História”. Apud: BURKE, Peter.(org) . *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 135.

tinha como característica não ser regulada pelo mercado, nem pelo lucro e estava submersa nas relações sociais. “Os homens agem não para defender seus bens materiais, mas, para preservar sua situação social”.² Os bens materiais são importantes na medida que proporcionam a melhoria de sua posição social perante a comunidade. A finalidade do lucro nas transações comerciais está subordinada aos interesses de projeção social, de aumento de poder político, de formação de redes de amizades com figuras importantes do governo, com a possibilidade de obtenção de títulos de nobreza. Para conseguir esses objetivos, além de ser fazendeiro era preciso fazer ações beneméritas na comunidade, para ser reconhecido como benfeitor, e poder usufruir as benesses do poder e participar do grupo dos “escolhidos do rei”. Para conseguir esses propósitos, era preciso ser dono de homens e terras e se dedicar à produção agrícola. Ser senhor de engenho ou senhor de fazendas de café era o objetivo a ser alcançado pelos fazendeiros desse período pré-industrial. Muitos grandes comerciantes do Rio de Janeiro vieram para a região do café e se estabeleceram como cafeicultores, embora os lucros da cafeicultura fossem menores que os do grande comércio

A partir desses princípios foi possível entender as ações dos grandes proprietários que, no século XVIII, dedicavam-se ao grande comércio no Rio de Janeiro e que vão direcionar seus lucros para a cafeicultura, atividade muito menos rentável do que o grande comércio de exportação, como aconteceu na origem da família Ribeiro de Avellar e outras.

As ações beneméritas na comunidade, tão decantadas pelos genealogistas como parte do caráter dos grandes barões, na verdade, eram exigências de um tempo em que essas ações se reverteriam em bens sociais.

Os pequenos e médios proprietários, embora não tivessem dirigido seus esforços para conseguir bens sociais e políticos como a elite, usaram muitas vezes das mesmas estratégias dos grandes, contudo com objetivos diferentes, manter a família unida e resolver os problemas econômicos da cafeicultura, que para eles era o objetivo principal. Envolvidos pelos problemas da sobrevivência, esses produtores não tiveram condições de investir em ganhos sociais e políticos, como vimos no decorrer de suas histórias.

Tendo como base as características da época pré-industrial, usamos como metodologia a proposta de Carlo Ginzburg em seu texto *O Nome e o Como*³, em que o autor mostra a importância do nome como o fio condutor da pesquisa. Foi a partir do

² POLANYI, Karl. *A Grande Transformação: as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 2000. 3ª edição. P.65/75.

³ GINZBURG, Carlo: “O Nome e o Como”. Apud: *A Micro-História e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil. 1989. P.169/178.

nome que essa pesquisa foi pensada e elaborada. Os nomes das famílias e suas vivências foram o fio condutor para a elaboração da história de uma época, vista através das ações de seus membros (Vassouras, século XIX).

Giovanni Levi⁴ foi outra fonte de inspiração e de direção dessa pesquisa. Após reconhecer a importância do nome, e de procurar os nomes semelhantes que formavam famílias, como fez Levi, procuramos elaborar uma ficha nominativa de cada membro que encontramos e que nos pareceram mais representativas dos grupos que pretendíamos estudar. Procurei todas as citações sobre os membros dessas famílias em vários tipos de documentos ou livros de historiadores locais e tive, também, a mesma satisfação a que Levi se referiu, quando encontrei algum dado que servia para compor lacunas que havia nas histórias das famílias

“Reconstruir uma história de família com base em documentos pouco discursivos, como compras, vendas e testamentos, exerce um fascínio semelhante ao de quebra-cabeça. As coerências e os encaixes, que aos poucos vão sendo encontrados, causam uma satisfação que talvez não seja automaticamente transmitida ao leitor. De qualquer forma, graças a esses pequenos acontecimentos familiares, é possível observar aspectos relevantes da lógica social que operou sob o Antigo Regime.”

A partir dessa idéia inicial de Levi, fui juntando os documentos e a metodologia foi sendo explicitada a cada passo, conforme os documentos encontrados.

Esse método fez com que pudéssemos reconstituir uma série de destinos inscritos numa comunidade, e através dessas histórias perceber uma racionalidade nas escolhas e nos caminhos comuns às famílias de cada um dos grupos estudados. Esse é o objetivo deste trabalho: recuperar as estratégias da vida de algumas famílias de cafeicultores de Vassouras e através de suas escolhas, perceber o espaço que possuíam para realizá-las numa situação de crise, onde a historiografia tradicional diz que os produtores menores não sobreviveram aos problemas surgidos nos meados do século e que venderam suas terras aos grandes proprietários. E de grandes proprietários a fim de perceber o objetivo de suas ações beneméritas e suas trajetórias de vida.

Para estudar a trajetória dessas famílias foi necessário enumerar os problemas por que passou a cafeicultura de Vassouras durante o século XIX, problemas esses que explicam o título da tese: “A riqueza fugaz”. A intenção foi mostrar que, embora, seja comum a idéia de que a cafeicultura trouxe muita riqueza aos seus produtores, na verdade foi uma grande riqueza que se perdeu rapidamente, e as crises se acumularam

⁴ LEVY, Giovanni. Opus cit.2000.

durante o século. Procurei estudar os diversos períodos e expor os problemas de cada um deles.

Estudei, também, a diversidade da riqueza dos produtores de café através dos documentos, procurando grupá-los como famílias e não como indivíduos. Para isso não fiz tabelas para demonstrar a riqueza individual de cada cafeicultor, pois, numa mesma família existia grande, pequeno e médio produtor, dependendo da época de sua vida: os novos, que estavam no início da vida de produtores rurais começavam com poucos bens, se beneficiando da proximidade dos pais. Os mais velhos já possuíam maior quantidade de bens. Havia irmãos, que recebendo herança dos sogros possuíam muito mais bens do que seus irmãos, na mesma época.

Como as famílias de grandes produtores de café, ou elite cafeeira como são chamados, são os mais conhecidos e estudados, parti do estudo de quatro famílias de grandes proprietários. Foram escolhidas duas famílias mais antigas da região que tinham um tronco comum e que chegaram ao Vale, ainda no século XVIII, através do Caminho Novo das Minas Gerais, os Lacerda Werneck e os Ribeiro de Avellar, dando origem ao povoamento de Vassouras. Uma família de capitalistas, moradores da cidade de Vassouras, que não foram cafeicultores, mas que exerceram uma atividade paralela, de usurários, os Teixeira Leite que vindos de Minas Gerais, onde já exerciam a função de capitalistas, estabeleceram-se em Vassouras e se tornaram os grandes financiadores da produção regional. Outra família de grandes produtores escolhida foram os Oliveira Roxo que estavam estabelecidos na periferia de Vassouras, onde hoje se encontra o município de Barra do Piraí e que formaram uma rede de influência, através do casamento de seus filhos.

Neste estudo procuramos mostrar as estratégias comuns a essas famílias e também as suas diferenças e o relacionamento com as famílias que possuíam menores propriedades.

Estudei cinco famílias de médios e pequenos produtores, o que era o objetivo maior do trabalho: saber como famílias que possuíam poucos bens conseguiram atravessar o século e driblar as crises já que os documentos pesquisados mostraram que suas terras e escravos não foram vendidos aos grandes proprietários, como afirmava a historiografia.

Foram escolhidas duas famílias que, descobri, durante a pesquisa, serem originárias do mesmo tronco das famílias Werneck e Ribeiro de Avellar: são os Borges de Carvalho e os Manso. Elas eram de Pati do Alferes e tiveram um início de vida semelhante a de seus parentes, recebendo sesmarias que venderam mais tarde para os

parentes ricos. Suas trajetórias foram bem diversas e dessa maneira suas estratégias tiveram objetivos diferentes.

As outras três famílias tinham parentesco entre si: os Gomes de Aguiar, os Monsoreos e os d'Ávila. Moradores de Sacra Família do Tinguá lutaram para manter suas propriedades e transmiti-las aos seus herdeiros.

2- Os documentos consultados

Ao iniciar a pesquisa, procurei encontrar as famílias que pudessem ser estudadas durante três ou quatro gerações e que tivessem as características de grandes, médios e pequenos produtores. Como no estado do Rio de Janeiro não foram feitas, durante o período colonial, as listas nominativas, tive que lançar mão das listas eleitorais, para poder conhecer os nomes, a profissão, a filiação dos candidatos a eleitores, e a renda presumida de cada um. Apesar das limitações das listas eleitorais, pois, somente as de 1876 trazem a renda, as de 1850 e 1868 apenas assinalam apenas quem é eleitor de Paróquia e quem pode ser eleito, elas foram úteis para identificar a quantidade de lavradores e de outras profissões confirmando a idéia de que a maioria dos moradores de Vassouras eram cafeicultores e de baixa renda. As listas eleitorais, também, ajudaram a perceber as famílias que existiam nestas localidades, pois, além do nome, havia o nome do pai e a idade do morador. Dessa forma, foi possível perceber a existência de famílias grandes com filhos e às vezes netos.

Após pesquisar as listas eleitorais, procurei os inventários no CDH⁵ de Vassouras. A princípio procurei os de falecidos com poucos bens, segundo as décadas, começando a partir de 1820. Logo percebi que era possível procurar através dos nomes das famílias. Fui juntando o inventário mais antigo tomando nota de todos os nomes dos herdeiros e procurando os inventários dos herdeiros e assim procurando reunir os membros da família. Esses inventários nos davam a visão da riqueza da família naquele momento da morte do pai. Era uma visão estática, porém, quando achei os inventários dos filhos, a visão tornava-se dinâmica e as transformações tornavam-se claras.

Os testamentos foram fontes importantes, porém, muito poucos proprietários menores fizeram testamento. Para os grandes proprietários foi uma fonte importante de consulta.

⁵ CDH Vassouras – Centro de Documentação Histórica de Vassouras, ligado à USS – Universidade Severino Sombra.

Outros documentos pesquisados foram os processos criminais referentes às famílias estudadas. Esses processos nos dão mais informações por trazerem os depoimentos das testemunhas onde muitos dados podem ser encontrados. Além desses documentos pesquisei os processos de execução de sentença, os livros de registro de imóveis. Os documentos da Câmara Municipal, dos quais fazem parte as listas eleitorais, as atas da Câmara Municipal e relatórios dos Presidentes da Província.

Além desses documentos pesquisei os registros Paroquiais de Terras de 1855/56 referentes à Lei de Terras no Arquivo Estadual do Rio de Janeiro. Nos arquivos das Paróquias de Vassouras e de Conceição de Paty do Alferes foram pesquisados os registros de batismo de pessoas livres. Foram pesquisadas no Arquivo Nacional: Cartas de doação de sesmarias, alguns inventários e escrituras testamentos e cartas particulares. Em algumas fazendas foram encontrados livros caixa, inventário e cartas.

Além desses documentos, foram vistos livros de historiadores locais e de genealogistas, cujos dados foram conferidos através de documentos.

Todos esses dados foram colocados em fichas nominais, divididas por famílias e cada nova informação era acrescentada a essas fichas. A partir desse acervo foram elaboradas as histórias das famílias durante três ou quatro gerações. A história dos grandes proprietários foi muito mais fácil, pois, eles deixaram muitas cartas à advogados, comissário de café e correlegionários. Muito já se tem escrito sobre eles, porém, os dados precisaram ser confirmados através de documentação.

3- As descobertas feitas no decorrer da pesquisa:

A comunidade familiar

A história dos pequenos e médios proprietários foi mais difícil, já que existem poucas referências a essas famílias, sendo necessário compor a sua história através de documentos cartorários, principalmente inventários, que nos dão um panorama estático e frio da família em determinada época, mesmo assim foi possível descobrir as maneiras como essas famílias conseguiram brechas para passar por grande parte do século sem se desfazer de suas terras e as famílias continuando unidas. Essa era uma grande dúvida que havia: alguns historiadores, como Stein, diziam que os pequenos produtores de café haviam vendido suas terras aos grandes produtores após 1850⁶. No entanto

⁶ STEIN, Stanley J. *Um município brasileiro do café, 1 1850-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.

encontramos inventários de pequenos produtores no fim do século mantendo a terra da família. Como teriam conseguido manter as terras apesar da divisão da herança exigida pelas Ordenações Filipinas, código ainda em vigor no Império e que exigia que todos os bens fossem divididos igualmente entre os herdeiros?

Quando estudei o inventário de um membro da família Borges de Carvalho: Antônio Borges de Carvalho e Souza falecido em 1841 me chamou atenção a descrição das terras recebidas na herança de sua mãe e que foram assim descritas:

“ No inventário de Antonio Borges de Carvalho e Souza, filho de Antonio e Margarida, falecido em 1841, casado com Anna Joaquina de S. José, a família morava na Fazenda Santo Antonio da Pedra em Pati do Alferes. Antonio Borges de Carvalho e Souza tinha oito filhos, era proprietário dessa fazenda com 45,15 alq. (218,526 ha) e uma data no lugar denominado Jequitibá com 52,5 alq. (254,10 ha) e outra no lugar denominado Água Fria com 30 alq. (145,20ha). Sua mãe havia falecido em 1834, deixando para os 13 herdeiros duas “sortes de terras” num total de 618 alq., e seis escravos⁷. As terras recebidas de sua mãe, mais às que reuniu em vida, apresentavam as seguintes confrontações:

“As da Fazenda Santo Antônio partem pela testada e um dos lados com as terras do finado Capitão Mor Manoel Francisco Xavier, por outro lado com herdeiros da falecida Anna Monteiro e pelos fundos com a herdeira Maria Borges. As do Jequitibá partem com os herdeiros do finado João Borges Carvalho (*irmão de Antônio*) e por outro com o herdeiro Antônio Borges de Carvalho fazendo testada pela linha central da Fazenda de Marcos da Costa (*sesmaria de Margarida sua mãe*) com fundos para o Facão confrontando com Miguel Joaquim Gomes. As de Água Fria partem em terras dos mesmos herdeiros do finado João Borges por um lado e pelo outro com quem de direito for, fazendo testada na linha central com a sobredita Fazenda de Marcos”.⁸

Nesta história da família de Margarida, observamos que as terras estavam todas reunidas num mesmo local e que tinham sido divididas por herança. Margarida deixou 618 alqueires de terras a serem divididas, igualmente, entre seus 14 filhos. Embora a família de Margarida tivesse muitas terras, eram muitos filhos e essa herança deveria ser

⁷C. D. H. – C. 1º O. V. – Inventário de Antonio Borges de Carvalho e Souza.

⁸C. D. H. – C. 1º O. V. - Inventário de Antonio Borges de Carvalho. 1841. Por este texto vemos que as terras de Manoel Francisco Xavier faziam testada com os Borges de Carvalho e compreendiam as duas fazendas Maravilha e Freguesia.. In: MUNIZ, Célia Maria Loureiro. *A Riquessa Fugaz: trajetórias e estratégias de famílias de proprietários de terras de Vassouras, 1820-1890*. Tese de doutorado do IFCS, da UFRJ. 2005. As observações em itálico são do autor.

dividida, igualmente, entre todos os filhos o que dava uma quantidade pequena para cada um.

A maneira de driblar a divisão da herança era a formação de uma comunidade familiar de produção onde cada um teria sua terra e sua casa mas usaria a terra dos parentes para estender sua produção e usaria as benfeitorias em comum da fazenda. Esse processo fica claro quando se estuda o inventário do pai ou da mãe e depois os dos filhos, onde é feita a referência ao plantio de café em terras dos irmãos e vemos que suas terras fazem divisa com a dos irmãos. Os registros Paroquiais de Terras nos mostram essa proximidade entre os irmãos.

No caso dos grandes proprietários, a divisão não trazia grandes problemas, pois, a quantidade de bens era muito grande e cada filho recebia uma fazenda ou então o correspondente em imóveis na cidade ou na Corte ou outros bens, como no inventário do Barão de Vargem Alegre em 1879, onde as cinco fazendas foram divididas entre cinco de seus herdeiros sendo que os outros quatro receberam outros bens.⁹ Da mesma forma que no inventário do Visconde de Ipiabas em 1882, onde as fazendas: Oriente, Campos Elysios, Conceição, São João e terrenos da Sesmaria do Maximiano foram divididos entre os herdeiros, além de muitos outros bens.¹⁰

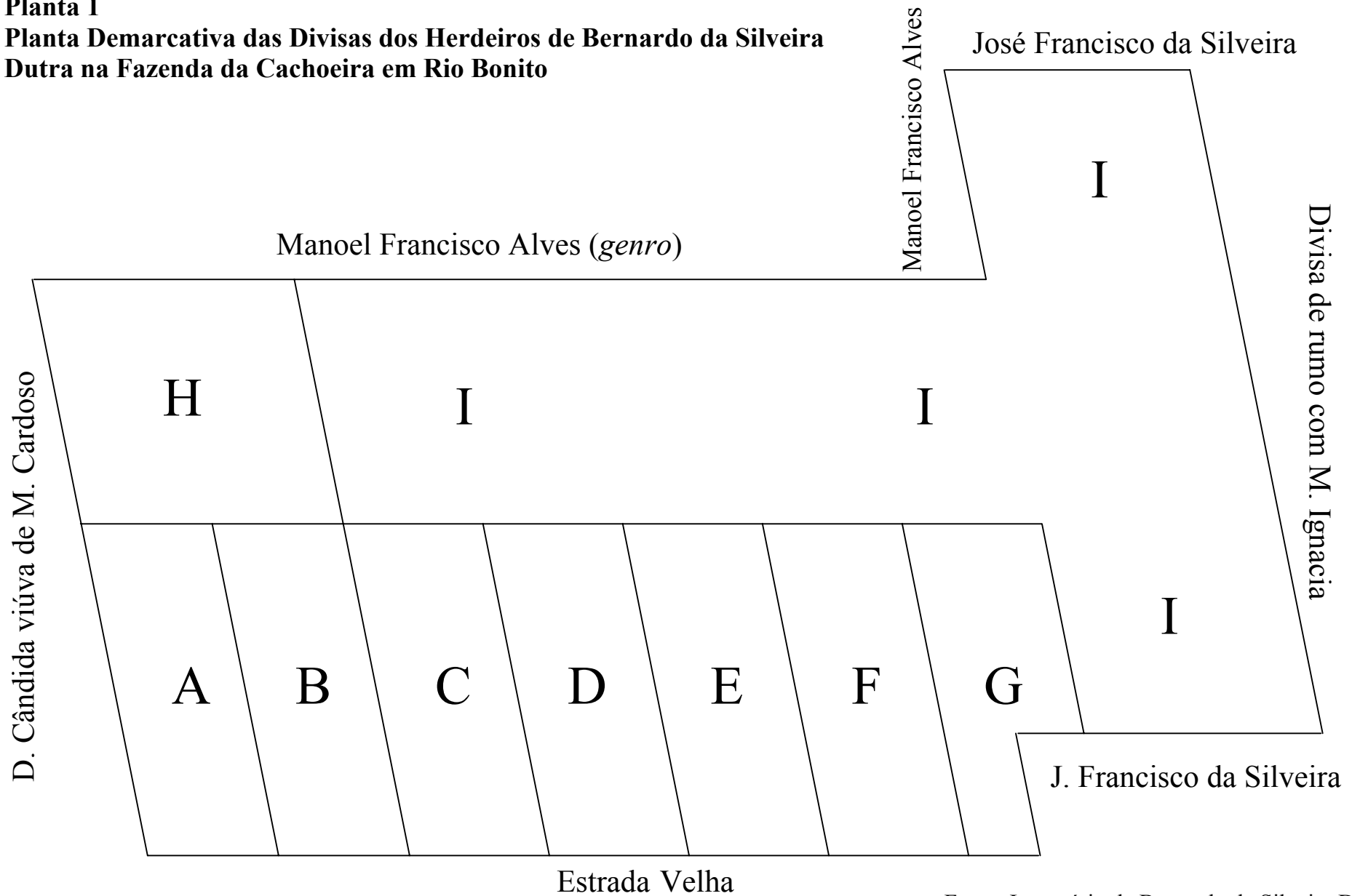
Para os pequenos proprietários, essa divisão da propriedade era um grande problema, pois uma pequena área deveria ser dividida entre 10 filhos, recebendo cada um sua herança tão pequena que inviabilizava a produção, como no caso da família Silveira Dutra, com a qual tivemos contato através do inventário de Bernardo da Silveira Dutra, em 1858, que apresenta um desenho do terreno e através dele podemos observar como essa divisão era feita. Na página seguinte apresentamos o desenho que possuía as seguintes explicações:

⁹ GUIMARÃES, Cid e NOBRE, Eduardo Dias Roxo: *“João Roxo e seus descendentes”*, São Paulo: Edição dos Autores, 1998, p.32.

¹⁰ Inventário do Barão de Ipiabas.

Planta 1

**Planta Demarcativa das Divisas dos Herdeiros de Bernardo da Silveira
Dutra na Fazenda da Cachoeira em Rio Bonito**



Fonte: Inventário de Bernardo da Silveira Dutra – 1858

A- Herdeiro João Pedro: 100 braças de testada e de fundos, mais 300 braças de um lado e de outro. (3 alq.)

B- Herdeiro Vicente: o mesmo.

C- Herdeiro Joaquim Bernardo: o mesmo.

D- Herdeiro Salustiano Souza Freitas: o mesmo. (genro).

E- Herdeiro Manoel de Souza Freitas: o mesmo (genro)

F- Herdeiro Clariano Silveira Dutra: o mesmo

G- Herdeiro Tibúrcio Silveira Dutra: o mesmo

H- Herdeiro Manoel Francisco Alves: o mesmo tamanho mas com outra configuração. (genro).

I- Parte dos cinco filhos menores de 7 a 17 anos: 15 alq. Tudo englobado como mostra a planta. A mãe, inventariante herdou outro terreno com 33 alq. Olhando os confrontantes temos: Manoel Francisco Alves, genro do falecido e que já possuía terras vizinhas e um outro parente, José Francisco da Silveira, fazendo confrontação por outros dois lados.

Cada herdeiro recebeu um lote muito pequeno. Se eles tivessem vendido seus lotes para estranhos, teriam destruído a unidade produtiva. No entanto, a família continuou a produzir e em 1875, quando morreu a mãe, Maria Luiza da Silveira Dutra, seu inventário nos mostrou os filhos todos maiores com terras vizinhas à sua. Ela ainda possuía os 33 alqueires de terra, as benfeitorias anteriores, 31 escravos e alguns animais. Não sabemos como ficou a divisão de terras após a morte da mãe, pois não existe desenho da nova divisão, porém, sabemos que a família continuou produzindo unida.

Outra família cuja divisão das terras no inventário podemos observar, através de planta do terreno, é a Nascimento Costa. Por ocasião da morte de Leonor Barbosa do Espírito Santo¹¹, em 1847, a família era dona da Fazenda do Secretarinho que constava de 67,5 alq., mais um terreno de 295 braças de testada com 1500 de fundos (44,25 alq.) Esse terreno foi dividido entre os herdeiros da seguinte forma: (ver desenho anexo). No desenho, vemos como foi feita a divisão em lotes de 30 braças (66m) de testada por 1500 braças (3300m) de fundos. Com essa divisão seria impossível um herdeiro continuar sua produção, isolado dos outros, num lote de 4,5 alq., logo, a família só conseguiu continuar produzindo e chegar a 1881, quando morreu um dos filhos, Felix do Nascimento Costa,¹² por ter ficado unida .

¹¹ C. D. H. – C. 2º O. V. – Inventário Leonor Barbosa do Espírito Santo, 1847.

¹² C.D.H.- C. 2º O. V. Inventário de Felix Nascimento Costa. 1881.Cx.159.

Planta 2**Planta Demarcativa das Divisas dos Herdeiros da família Nascimento Costa****Planta das 295 Braças de Terra de Testada com 1500 de Fundos**

Vicente da Cunha

Felix do Nascimento Costa

Francisco Vaz Monteiro

Terras do Casal

Felix do Nascimento Costa	(1500 braças fundos)	30 braças
Francisco Vaz Monteiro		30 braças
José Alves de Macedo		30 braças
Maria (<i>neta</i>)		30 braças
Inventariante Antônio Nascimento Costa		145 braças
Antônio Soares de Castro		30 braças

Lúcio Soares da Costa

Antônio Joaquim da Pedra

Monsiores

Fonte: Inventário de Leonor Barbosa do Espírito Santo - 1847

Falta-nos o inventário do pai de Felix, para que pudéssemos saber como seu filho se tornou o proprietário da maior parte da fazenda. Pelo inventário de Felix, em 1881, ele possuía a Fazenda São Gonçalo da Boa Esperança com 35 alq. de terreno e a Fazenda Secretarinho com 59 alq. Por ocasião da morte da mãe a fazenda possuía 67 alq. e Felix recebeu a herança de 4,5alq. mas já era dono de terras confrontantes, como vemos na planta do terreno. O que podemos admitir é que Felix comprou parte dos irmãos, tornando-se o proprietário da maior parte da fazenda.

Essa estratégia de comprar a herança dos irmãos que já estavam longe ou que queriam ir para outras terras, era incentivada pelos pais que muitas vezes privilegiavam um

filho para que ele pudesse continuar a produção da família e mantê-la unida. Processo semelhante ocorreu na família Avellar e Cláudio Gomes de Avellar comprou a herança de vários irmãos reconstituindo a fortuna dos pais. Através dos inventários foi possível perceber como essa venda de heranças era comum.

Nas famílias menores, muitas vezes essa compra da herança dos irmãos é uma forma de viabilizar a continuidade da produção, evitando a fragmentação da propriedade. É, também, uma estratégia para os que saem e vão iniciar uma nova produção, fora da fronteira agrícola e em alguns casos com maiores possibilidades de crescimento da produção. Todo esse processo pode ser visto através dos inventários onde São registradas todas as vendas e compras dos bens dos herdeiros.

A família de Felix formou uma comunidade, pois, em seu inventário vários filhos (eram onze), moravam em casas da fazenda que são descritas no inventário:

“Uma casa de madeira roliça, coberta de telhas que ocupa o herdeiro Antonio Soares da Costa.”

“Dois lances de casa de madeira roliça, coberta de telhas, assoalhada, em poder do herdeiro Herculano Soares Machado (genro).” E como esses, mais três herdeiros moram em casas da fazenda.¹³

O processo por mim denominado comunidade familiar foi encontrado em outras regiões como em S. João d’El Rei por Afonso de Alencastro Graça Filho.¹⁴

“Outros aspectos particulares encontrados nos registros paroquiais, foram as presenças marcantes de propriedades em comum ou em sociedade com outros herdeiros, bem como a existência de sócios, sem laços de parentesco entre si, visando a exploração de unidades produtivas.”

“A prática costumeira do usufruto em comum das terras, preservava as dimensões das fazendas e dificultava a venda das propriedades.”

“A estrutura familiar pode ser vista como fator de estabilidade para os empreendimentos agrícolas sanjoanenses evitando a dispersão dos meios de produção e a fuga de capitais.”

Em “*Os donos da Terra*” também foi observado processo semelhante, mas, com famílias mais ricas, e mais no final do século, quando os problemas da cafeicultura fluminense já eram agudos. Os herdeiros do Comendador Pereira da Silva que formaram a

¹³ C.D.H.- C. 2º O. V. Inventário de Felix Nascimento Costa. 1881.Cx.159.

¹⁴ FILHO, Afonso de Alencastro Graça: “A Princesa do Oeste e o Mito da Decadência de Minas Gerais”. São João Del Rei, 1831-1888, p. 118.

“Sociedade Agrícola Herdeiros de João Pereira da Silva” em 1872,¹⁵ para não dividir a herança.

Outros problemas enfrentados pelos produtores foram vistos através dos documentos, como: o empobrecimento das famílias durante o século, principalmente entre os pequenos e médios produtores. Os grandes proprietários também lutaram com dificuldades nas décadas de 80/90.

Apesar das perdas de fazendas no final do século, algumas famílias médias conseguem chegar à década de 90 com sua fazenda transformada em produtora de gado, com os ex-escravos tornados colonos e usando o sobrenome do patrão, como aconteceu na fazenda S. Luiz de Luiz José d'Ávila. Essa história foi encontrada num processo de roubo ocorrido em 1891, na venda da fazenda de Luiz d'Ávila.¹⁶

4- Considerações Finais

A metodologia aplicada na tese “A Riqueza Fugaz” tornou possível reconstruir as histórias de proprietários rurais do século XIX, mostrando as atitudes tomadas por eles perante os problemas que tiveram de enfrentar neste século, e possibilitou desconstruir certas idéias comuns à historiografia sobre cafeicultura do Vale do Paraíba como: todos os pequenos produtores de café tiveram de vender suas terras e escravos aos grandes produtores e desapareceram a partir da década de 50.

A prova de que as propriedades não foram pulverizadas pelas heranças, mostrando a formação de comunidades familiares de produção, foi outro benefício do emprego desta metodologia. Além de permitir estudar as escolhas e decisões dos indivíduos perante a realidade e reproduzir seus comportamentos perante as crises estudando dessa forma o processo produtivo do café através das ações de seus protagonistas.

A metodologia empregada permitiu ver a importância da família durante o século XIX e que manter a união da família era essencial para sua sobrevivência como unidade produtiva.

¹⁵ MUNIZ, Célia Maria Loureiro: Op. Cit. p. 152.

¹⁶ C.D.H.- C.2ºO. V.- Processo Criminal, 1891- Roubo: Luiz Laprovita d'Ávila. Caetano Luiz José d'Ávila e Eurico de Souza Teles (réus) e Manoel Luiz Villela (vítima).

5- Bibliografia:

GINSBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

_____. “O Nome e o Como: Troca desigual no mercado historiográfico”. In: GINZBURG, Carlo. *A Micro-História e Outros Ensaios*. Lisboa; Rio de Janeiro: Difel; Bertrand Brasil, 1991, pp 169-178

GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. *A princesa do oeste e o mito da decadência de Minas Gerais: São João Del Rei (1831 – 1888)*. São Paulo: Annablume 2002

LEVI, Giovanni. “Sobre a micro-história”. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992

_____. *A Herança Imaterial: Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000

_____. “Comportamentos, Recursos, Processos: Antes da ‘revolução’ do consumo”. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escalas: A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp. 203-224.

MUNIZ, Célia Maria Loureiro. *Os donos da terra: um estudo sobre a estrutura fundiária do Vale do Paraíba Fluminense, no século XIX*. Dissertação de mestrado. Niterói. ICHF. UFF, 1979.

_____, Célia Maria Loureiro. *A Riqueza Fugaz: trajetórias e estratégias de famílias de proprietários de terras de Vassouras, 1820-1890*. Tese de doutorado. RJ. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. 2005.

NAZZARI, Muriel. *O Desaparecimento do Dote: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. *Negócios de Famílias: mercado, terra e poder na formação da cafeicultura mineira – 1780-1870*. Tese de Doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1999.

POLANYI, Karl. *A Grande Transformação: As origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 3 2000.

ROXO NOBRE, Eduardo Dias & GUIMARÃES, Cid. *João Roxo e seus dependentes: de Pensalves para o Brasil*. São Paulo: Os autores, 1998.

STEIN, Stanley J. *Vassouras: Um município brasileiro do café, 1850-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.